



WCM

World Citizen Magazine



Universidade
Católica de Brasília

Curso de Relações Internacionais - Ri UCB



Os efeitos do crescimento da República Popular da China na economia política mundial

Gabriella França Dos Santos¹

RESUMO: O crescimento acelerado da República Popular da China ocasionado pelo sucesso das reformas desenvolvimentistas iniciadas na década de 1980 provocaram efeitos em toda a economia mundial. Nesse sentido, o presente artigo analisa o crescimento chinês, e, de forma resumida, suas implicações para o continente europeu, asiático, africano, especificamente para os Estados Unidos e Brasil.

Palavras-Chave: China, Crescimento chinês, relações China- mundo.

ABSTRACT: The growth of the Popular Republic of China, which was caused by the success of developing reforms begun in the eighties enhanced effects all over the world economy. Therefore, the present article analyses the Chinese growth and, briefly, its implications in the European, Asiatic and African continents and specifically in the United States and Brazil.

Keywords: China, Chinese Growth, China-world relations.

1. Introdução

O dinamismo da economia chinesa, frente sua crescente autonomia nas relações interestatais, possibilitou a expansão da China no comércio exterior. Desse modo, sob a ótica político-econômica, a imagem da China projetou-se de forma exponencial no que tange à esfera global. O gigante asiático deliberou negócios com países, como, por exemplo, os Estados Unidos da América e o Brasil; e com continentes: Europa, Ásia e África. Tal evento foi fundamental para o funcionamento do comércio internacional.

Partindo desse contexto, esse analisará o modo como se atingiu tal projeção, protagonizada pela China. Para tanto, esse trabalho está dividido da seguinte maneira: o primeiro capítulo destinar-se-á à historiográfica geral e à contextualização emergente da

¹ Acadêmica do Curso de Relações Internacionais na Universidade Católica de Brasília.

China; o segundo tratará dos efeitos da globalização na economia chinesa; o terceiro falará das relações sino-americanas; o quarto explicará as relações chinesas com os continentes europeu, asiático e africano e o quinto capítulo argumentará as relações Brasil-China. Por fim, as considerações finais.

2. Historiografia geral e contextualização emergente da China

Desde o início da Guerra Fria, a China tem concentrado esforços para promover o desenvolvimento do país e, por meio disso, praticar uma política expansionista no âmbito regional e global. Desse modo, o aumento linear nas taxas de crescimento, a dimensão continental do país e a sua força histórico cultural possibilitaram à China tornar-se a principal potência no continente asiático e um ator de extrema relevância para o cenário global. (HUNTINGTON, 1996).

Assim, mantido constante o nível de desenvolvimento do país, o sucesso da política de comércio e de investimento externo garantiu à China uma atuação grandiosa no mercado internacional, caracterizando-a como uma real potência com capacidade de influenciar países em todos os continentes do mundo.

O progresso econômico chinês no século XX teve início em 1979, por meio da transformação nas políticas de estratégia industrial. Anteriormente, no período entre 1949 e 1957, a política econômica chinesa era orientada para dentro do próprio país, priorizando os investimentos no setor da indústria de base. Entre 1958 e 1978, a agricultura e a produção de bens de consumo caracterizavam a base da política comercial. O comércio exterior estava restrito a um sistema de permuta praticado entre a China, a União Soviética e os países do leste europeu. (HUIJIONG, 1994).

A partir de 1970, aumentaram-se os índices de comércio exterior em função do maior aproveitamento das indústrias chinesas no mercado mundial, relacionado ao retorno da China à Organização das Nações Unidas (ONU) e ao aumento na quantidade de transações para a compra de tecnologia estrangeira. Pode-se dizer, portanto, que a tímida abertura da economia chinesa marca o início dos esforços para o desenvolvimento econômico e para a manutenção de uma taxa de crescimento surpreendente nos últimos 30 anos.

De igual forma, as reformas políticas e econômicas iniciadas por Deng Xiaoping,² em

² pragmático sucessor de Mao Tsé-tung, mudou os rumos do socialismo na China por meio da liberalização econômica sem democracia.

1979, lançaram bases para uma estratégia de modernização e, principalmente, propiciaram a abertura econômica no país, que garantiu a expansão chinesa em todo o mundo. Os resultados podem ser constatados através dos índices e valores atuais. Em 30 anos, a China apresenta uma taxa de crescimento de 10% (a.a). Apenas em 2007 o fluxo comercial do país atingiu mais de US\$ 3 trilhões, sendo que as previsões para 2020 são ainda mais otimistas, podendo chegar a US\$ 4 trilhões. (MEDEIROS, 2008).

Segundo Carlos Aguiar de Medeiros (2008), grande parte do crescimento chinês se deve à facilidade ao acesso de matérias primas, aos pequenos custos salariais e à numerosa disponibilidade de força de trabalho. Essas circunstâncias, somadas às exportações e ao baixo valor da produção unitária de bens industriais, em relação ao mercado internacional, muito beneficiou a economia chinesa.

Outros fatores, como o controle dos gastos públicos, os investimentos privados diretos, as privatizações e uma política fiscal eficiente, ao lado da produção de infraestrutura, da educação e da geração de empregos, são responsáveis pelo sucesso da potência asiática. Kissinger (2011) argumenta que os resultados das transformações iniciadas por Xiaoping em 1979 foram fundamentais para o papel que a China vem desempenhando nos últimos anos.

A imagem chinesa foi modificada. Antes, o país era objeto de prescrições estrangeiras (em grande parte, ocidentais) de política econômica. Todavia, é agora um ator independente e assumiu uma característica importante: a de ser a fonte de auxílio emergencial para economias em crise.

Entretanto, cabe ressaltar alguns dos efeitos negativos de todo o crescimento chinês no âmbito interno. A balança comercial extremamente aquecida encaminha o país a uma escassez de energia, e tem causado graves problemas ambientais. Além desses fatores, os baixos preços dos produtos chineses fazem com que os países adotem medidas protecionistas que acabam prejudicando as exportações chinesas (SÁ, 2011).

2.1. Os benefícios da globalização para a China

A China tem assumido papel cada vez mais importante na configuração internacional, possuindo uma voz extremamente relevante nos fóruns e em decisões de organizações internacionais como as Nações Unidas (ONU), a Organização Mundial do Comércio (OMC) e o Fundo Monetário Internacional (FMI). A ascensão econômica e a maior participação financeira em tais organismos foram capazes de elevar a posição do país, na hierarquia, em

um sistema potencialmente globalizado.

Com isso, a globalização é um fenômeno moderno que acabou por interligar todos os continentes e, assim, inúmeros países. Consequentemente, os efeitos e as ações de um determinado Estado, ainda que no âmbito doméstico, não se restringem apenas a ele, mas abrangem centenas de países, beneficiando-os ou atrapalhando o seu desempenho comercial. Dessa forma, o crescimento chinês afeta as nações de maneira geral, podendo esses países crescer juntamente com a China, desenvolvendo seu comércio, ou ser extremamente prejudicados por esse gigante.

De acordo com STIGLITZ (2002), a globalização trouxe diversos benefícios para o mundo. Porém, também foi capaz de aumentar a interdependência entre os países, gerando a necessidade de uma ação global coletiva para administrar a nova configuração internacional. Nesse sentido, sugere que as instituições internacionais já existentes são ineficientes na execução desse trabalho, pois se baseiam indiretamente em interesses financeiros. Portanto, os maiores pesos nas decisões políticas ficam garantidos aos países ricos.

Se, pela globalização, os países tornam-se interdependentes e o peso dos Estados é medido por recursos financeiros, pode-se dizer que a China tem exercido e continuará a exercer um papel importante no desenvolvimento das relações mundiais, o que afeta de forma direta a economia global e a balança comercial de diversos países.

Por esses motivos, é importante analisar os efeitos que o crescimento de um único ator pode provocar nos países. Assim, avaliaremos a seguir, de maneira sucinta, os efeitos do crescimento chinês e de sua constante participação nos negócios internacionais, em relação às regiões e aos atores de maior peso no cenário internacional.

2.2. Relações China-Estados Unidos da América

As relações entre Estados Unidos da América e China renasceram no decurso da década de 1970, a partir da estratégia norteamericana de reaproximação, com a intenção de estreitar laços com a China e, dessa forma, diminuir a influência da União Soviética (URSS) no Leste asiático, dentro do contexto da Guerra Fria e da busca do equilíbrio de poder. Para a China, essa parceria gerou benefícios fundamentais e viabilizou seu milagre econômico. Incluiu o país no mercado de bens e no mercado de capitais dos Estados Unidos da América (EUA), possibilitando aumentos consideráveis nas exportações chinesas, bem como no acesso aos financiamentos norte americanos (PINTO, 2011).

Após a pragmática reaproximação estadunidense da China, o desastroso fato ocorrido na Praça Tiananmen³ provocou uma diminuição ao apoio americano ao governo chinês. Sob os preceitos de liberdade e de democracia, os Estados Unidos se posicionaram contrários à atuação chinesa no episódio, negando apoio à entrada do país na Organização Mundial do Comércio (OMC), ensejando o acendimento de antigas tensões (KISSIGER, 2011).

Sem embargo, depois dos ataques terroristas nos EUA em 11 de setembro de 2001, houve uma reaproximação entre os países decorrente do declarado apoio chinês à luta norte-americana contra o terror. A partir de 2001, houve aumento nos fluxos de importação e exportação entre os países, elevação do déficit comercial e crescimento significativo nas exportações chinesas de produtos altamente tecnológicos para os Estados Unidos, revelando, assim, novas características comerciais entre os países. A China assumiu o papel de maior exportador e de segundo maior importador mundial já em 2009 (PINTO, 2011).

No que diz respeito à China na OMC, as empresas chinesas e os baixos preços com que seus produtos chegam ao mercado mundial, detém papel relevante nas discussões na organização. As grandes indústrias do país utilizam os baixos custos de produção a seu favor para garantir novos mercados. Porém, a prática prejudica sobremaneira os mercados internos de outros países, muitas vezes, ainda em fase de consolidação. Isso torna a China um dos países mais acionados pelo Órgão de Solução de Controvérsias da OMC.

A interdependência entre os países e os intensos fluxos comerciais acabou gerando redes internacionais de comércio, o qual, SHIRM (1999, p. 7) caracteriza como mercado global. Para o autor, mercado global é definido como:

O processo de interdependência global ou de mercados e economias nacionais, impulsionado por interações competitivas dos atores da economia privada, pela crescente mobilidade de fatores e pela diminuição dos custos de transação.

A atuação das empresas e seu peso econômico conseguem orientar e, muitas vezes, definir a agenda de ação do Estado. A China, pautada no crescimento nacional, voltou-se para o desenvolvimento de suas indústrias de base e para a abertura de suas empresas para exportação e importação, tanto com países tradicionalmente fortes no mercado mundial – como a economia norte-americana – tanto para novas economias, na busca de se estabelecer no cenário econômico mundial e o seu posicionamento nas relações sino-global.

Atualmente, China e EUA vivem a chamada relação de concorrência amistosa. Os

³ O massacre da Praça Tiananmen, ocorrido em 4 de junho de 1989, provocado pela repressão do governo chinês às manifestações promovidas por estudantes chineses insatisfeitos com as políticas de reformas econômicas.

EUA continuam sendo a superpotência mundial, com 24% do PIB global e a maior força militar do mundo (42% das despesas militares do mundo são norte-americanas). Juntos, China e Estados Unidos são responsáveis por 33% do PIB mundial. (LEÃO et al; 2011).

As relações sino-americanas e suas implicações foram capazes de influenciar a configuração mundial do fim do século XX e início do século XXI. Tais relações foram estabelecidas entre pontos de tensões e aquiescência sem que houvesse o abandono das rivalidades. A China mantém evidente sua intenção de crescimento e de melhor posicionamento na hierarquia do sistema mundial, porém os EUA acompanham com atenção o desempenho chinês e as implicações para o governo norte-americano. Cabe aos Estados Unidos administrar tamanha influência, que atinge diretamente o país, sem perder de vista o seu próprio desenvolvimento e suas dificuldades internas.

2.3. As relações chinesas com os continentes: Europa, Ásia e África

Segundo Sandra Poncet (2011), os efeitos do crescimento chinês, para a Europa, foram pouco negativos. A questão qualitativa dos produtos chineses merece destaque, pois foi por meio dela, que os países europeus optaram por desenvolver suas indústrias no segmento tecnológico, através de investimentos pesados, para sobreviver às inundações de produtos chineses com baixos preços.

Os efeitos sobre o mercado de trabalho europeu também podem ser considerados modestos, pois, nos últimos 30 anos, apenas 20% dos 11 milhões de postos de emprego no setor de manufaturas foram eliminados pela concorrência com a China (LEÃO et al; 2011). De modo geral, a interação entre as economias chinesas e europeias impactou positivamente os países europeus, por provocar a diminuição nos preços de consumo e por elevar as taxas de inovação tecnológica dos produtos.

Em relação à Ásia, a liderança da China, no contexto asiático, garante ao país maior visibilidade, em todo o mundo, e eleva seu peso na elaboração estratégica de países da região. Nesse sentido, a crise asiática de 1997-98 projetou o crescimento chinês e à sua posição de liderança nos fóruns regionais para a elaboração de políticas que convergissem os interesses asiáticos e na formulação de agendas de ação. Oportunamente, a China ocupou lugar de destaque por meio de seu fantástico crescimento econômico, que em 2006, representava 24% do PIB mundial (PEMPEL, 2008).

Nota-se, portanto, um esforço chinês para exercer uma elaborada influência regional

com o propósito de limitar a influência de países de fora do continente, adotando posições de liderança no processo de integração. Assim, a China a cada dia afirma-se como país atuante no que se refere à elaboração de políticas de desenvolvimento da Ásia, reforçando o evidente papel de liderança que possui.

Sobre as relações sino-africanas, segundo OLIVEIRA (2008), as políticas expansionistas chinesas encontraram, na África, governos interessados no desenvolvimento resultante dos investimentos realizados em seus países. Dessa forma, os dois lados cooperaram para alcançarem benefícios mútuos. Ademais, a China possui uma característica fundamental para o sucesso comercial de suas empresas: a imparcialidade em relação às complexas questões políticas inerentes aos países africanos, o que garante confiabilidade aos planos chineses no continente e faz com que os líderes africanos deem preferência aos investimentos do gigante asiático.

Logo, a economia chinesa avança sobre a África oferecendo-lhe modelos de crescimento atraentes, ao passo que busca aumentar o mercado chinês de matérias primas. De 2000 a 2006, o comércio de mercadorias cresceu a uma taxa de 40% ao ano. A China contribuiu cerca de US\$5.7 bilhões em programas de auxílio, entre 1956 e 2006, sendo incluso nesse valor, as doações, empréstimos sem juros ou a juros baixos. O volume aplicado através de Investimento Externo Direto representou US\$392 milhões em 2005. (OLIVEIRA, 2008). Em termos gerais, houve considerável crescimento no comércio de mercadorias, aumento na participação chinesa em programas de auxílio, e grandes quantias foram aplicados na área de investimento externo direto nos países da África.

3. China e Brasil: duas potências emergentes

As relações sino-brasileiras estabeleceram-se no interligar de duas potências regionais que assumem papel cada vez mais relevante no cenário global, integrando-as estrategicamente, com enfoque pragmático, visando estreitar laços culturais e científicos entre os países. China e Brasil estão unidos pelo interesse de cooperar para promover o crescimento, juntamente com o desenvolvimento sustentável dos países subdesenvolvidos, e em desenvolvimento. Nesse sentido, as relações sino-brasileiras estão baseadas no espírito de igualdade, pragmatismo, de reciprocidade na obtenção de resultados e no interesse de aumentar a agenda de cooperação entre os países. (CABRAL, 2011)

No que tange a economia, o crescimento chinês impactou de forma mais traumática a

economia brasileira, por que prejudicou a produção industrial doméstica, dados os baixos preços dos produtos chineses. A diversificação da indústria brasileira e a semelhança, na pauta de exportação/importação, entre os dois países, prejudicam o mercado interno.

Por fim, tratando de investimento externo direto chinês, no Brasil, percebe-se que se mantém um padrão de investimento em setores como o da mineração, indústria petrolífera, e na área de infraestrutura, sendo esses investimentos ainda aquém do que poderia ser. Em contrapartida, as empresas brasileiras atuam na China por meio de *Joint Ventures*, (empresas como EMBRAER, EMBRACO, MARCOPOLO) que contribuem para os fluxos de comércio de serviço e para a condução de mercadorias (SENNE; BARBOSA, 2011).

4. Conclusão

O emergente sucesso chinês ocasionou efeitos reais ao sistema mundial. De modo geral, tais efeitos podem ser considerados positivos, pois, utilizando o exemplo mencionado, tal sucesso proporcionou desenvolvimento via investimento externo em quase todos os países africanos, provocou diminuição nos preços mundiais de produtos e enfatizou a necessidade de renovação tecnológica para a sobrevivência das empresas no mercado mundial.

Ademais, a China tornou-se exemplo real de que um país emergente pode modificar as estruturas do cenário internacional, confirmando a crença mundial no atrelamento de poder econômico à posição hierárquica ocupada por Estados no sistema internacional.

5. Referências

CABRAL, Severino. O diálogo estratégico sino-brasileiro. In. ***Brasil e China no reordenamento das relações internacionais***: desafios e oportunidades. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

HUIJIONG, Wang. Industrialização e Reforma Econômica na China. In. SHULTZ, George. ***A Economia Mundial em Transformação***. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

HUNTINGTON, Samuel P. ***O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial***. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

KISSINGER, Henry. ***Sobre a China***. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

LEÃO, Rodrigo Pimentel; PINTO, Eduardo C; ACIOLY, Luciana. ***A China na nova configuração global: impactos políticos e econômicos***. Brasília: IPEA, 2011.

MEDEIROS, Carlos Aguiar. *China: Desenvolvimento econômico e ascensão internacional*. In. Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional – III CNPEPI: (2: Rio de Janeiro: 2008): **O Brasil no mundo que vem aí**. Seminário: China. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

OLIVEIRA, Amaury Porto de. *A China constrói uma parceria estratégica com a África*. In. Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional – III CNPEPI: (2: Rio de Janeiro: 2008): **O Brasil no mundo que vem aí**. Seminário: China. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

PEMPEL, T. J. *A China e o emergente regionalismo asiático*. In. Conferência Nacional de Política Externa e Política Internacional – III CNPEPI: (2: Rio de Janeiro: 2008): **O Brasil no mundo que vem aí**. Seminário: China. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

PONCET, Sandra. *A ascensão chinesa: implicações para as economias da Europa*. In. LEÃO, Rodrigo Pimentel; PINTO, Eduardo C; ACIOLY, Luciana. **A China na nova configuração global: impactos políticos e econômicos**. Brasília: IPEA, 2011.

SÁ, Natasha Ward. **Atração de investimentos diretos estrangeiros nos países emergentes-Brasil, Rússia, Índia e China (BRIC): marcos regulatórios**. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2011.

SCHIRM, Stefan A. **Mercados globais e margem de ação do Estado**. Papers, n. 36. São Paulo: Konrad-Adenauer-Stiftung, 1999.

SENNES, Ricardo Ubiraci; BARBOSA, Alexandre de Freitas. *China-Brasil: uma relação multifacetada e dinâmica*. In. **Brasil e China no reordenamento das relações internacionais: desafios e oportunidades**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

STIGLITZ, Joseph E. **A Globalização e seus malefícios**. São Paulo: Futura, 2002.

